



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

Por um 1.º de Maio de massas!

A Caminho do Rompimento da legalidade fascista!

O prognóstico que fizemos, após o 18 de Janeiro, acaba de ter a sua inteira confirmação.

No próprio auge dos cantos de sereia do salazarismo, sobre a grande vitória do «Estado Corporativo», o nosso Partido proclamou que o 18 de Janeiro cria uma nova etapa no movimento revolucionário português.

Quando os escurraçados do Partido Comunista, os semi-trotskistas traidores, deram corpo ao grupo «Luta de Classes» e vaticinaram que todo o movimento revolucionário havia derruído, nós respondemos a estes messias:

«Em Portugal, não foi aberta uma perspectiva italiana. O 18 de Janeiro quebrou a Ditadura do meio e interrompeu a sua estabilidade relativa; machucou as ilusões revisionistas e anarquistas no seio do proletariado; anunciou a aproximação da crise revolucionária e a passagem do Partido Comunista à maioridade política.

«A sustentação relativa da Ditadura — dizia o artigo de fundo do n.º 1 do nosso jornal — está irremediavelmente ligada ao problema da manutenção da paz entre as classes.»

Esta pequena passagem caracteriza todo um caminho estratégico que o nosso Partido se assinalou — o caminho fundamental de todo um período de luta pelo rompimento da frente do adversário de classe.

Correr a organização das lutas de massas e ao estímulo da indignação anti-fascista destas últimas dentro das novas condições criadas ao movimento revolucionário português, isto representa transformar a própria luta de m.º do «Estado Corporativo» em começo da agonia da Ditadura e reduzir toda a ideologia fascista a uma ideologia de gangster, erigida em método de governação do Estado capitalista.

O último acto de percurso da história nacional foi, incomparavelmente, rico de ensinamentos.

A Ditadura lançou-se à conquista das massas, quando a fórmula Ditadura Militar: era já insuficiente para manter a dominação do capitalismo. Ao cabo dum ano de luta pelo fascismo totalitário, o salazarismo apresenta este balanço positivo: Todo o edifício do «Estado Novo» e do «Portugal Maior», não passa dum montão de decretos, duma alameda de instituições e dum ribeiro de saliva. Entré as massas eleva-se o ódio anti-fascista contra o mesmo «Estado Novo». E a reacção já invade os próprios quadros das forças de vanguarda do fascismo.

Paralelamente, as grandes massas despojam-se das ilusões «revisionistas» que as esperaram da luta independente, nas condições do próximo passado. Ao mesmo tempo que as massas acumulam no seu seio o potencial revolucionário e se dispõem a tomar o caminho russo, como o seu caminho, os chefes do «revisionismo» entram num novo período de azafama. Porém estes chefes, até na sua missão alieciadora, chocam-se por toda a parte, e no terreno civil, e no terreno militar, com as forças activas que seguem, cada vez mais, o caminho que lhes assinala o nosso Partido.

O «anarquismo» o «anarco-sindicalismo» derremem inexoravelmente. O socialismo do tipo 2.º Internacional. O internacional 2.º não encontra no país como corrente concentrada em Partido.

Portugal encontra-se hoje numa situação particularíssima. A Ditadura foi posta à prova e medida a ridículo, quando em face do crescimento revolucionário mundial e português, nos próprios escalões da burguesia nacional já se alarga a descrença em Salazar, e ao capitalismo português escasseia a capacidade de nanobias e lhe falta um para-rato, para impedir a deslocação do grosso das massas pobres e radicalizadas para o campo da influência do Partido Comunista.

Finalmente, o nosso Partido reforça-se para a guerra de exterminio do poder do capitalismo, nas próprias condições da guerra civil, posta em prática pela ditadura contra o Partido Comunista e contra a luta de classes.

O movimento proletário, a luta de classes, lava-se das chagas que lhe tolheram o ascenso no próximo passado.

A semana de 25/2 Fevereiro/Março, acaba de falar muito e muito alto. Esta semana desenrolou-se nas condições da realização de festas consagradas à «Política do espírito», de banquetes de «frente única nacionalista», de entrevistas concedidas por Salazar aos grandes rotativos, de conferências com os altos comandos, de mobilização de todas as forças da polícia, de paralizações dobradas de Polícia de Segurança, pejanando completamente as ruas, e duma actividade enorme da Polícia de Informações.

Entretanto, a palavra de ordem do nosso Partido nem por isso deixou de materializar-se em larga escala.

Em Lisboa esta semana teve a sua expressão de ruas. Os distúrbios e os pequenos piquetes pulularam

pelas dardes. Na Rua do Ouro caiu uma chuva de manifestos e de pequenas folhas de agitação. Bandeiras vermelhas flutuaram em vários pontos (elevador de St. Justa, Rua Maria Pia, Alcântara, C.U.F., etc.). Em Alcântara e na Esperança tiveram lugar comícios relâmpagos assistidos por grossas centenas de povo. Na Parceria deu-se a interrupção temporária do trabalho, a bordo de um dos navios ali em fubricio. No entreposto de Alcântara, um troço de operários parou em sinal de luta pela libertação de Thilmann. Nas principais fábricas a agitação interior tomou uma acesa expressão. A Carris de Ferro de Lisboa, assinala um caso deveras interessante: Muitos passageiros, em vez de ficarem a bordo, que, no fim, a polícia e os agentes da companhia, arrancaram, com

pinças, atim de descobrirem, pelo exame das impressões digitais, quem os tinha ali afixado. Formaram-se vários comités de luta pelas reivindicações concretas dos operários. A Juventude Comunista, que havia deliberado participar na jornada do Partido, agitou a juventude trabalhadora e estudantil. No Arsenal da Marinha, um comitê de aprendizes lutou pela questão da promoção. Em todas as escolas onde trials tiveram lugar comícios relâmpagos. Na Academia registaram-se várias acções.

Na própria terça-feira de carnaval um larão distribuiu, em plena Avenida, a liberdade, um pequeno folheto cumulado da Comissão Inter-Sindical.

No Bazar da Bandeira, em

Continua na 6.ª página

Reina a paz nas Astúrias...

A experiência revolucionária leve uma introdução difícil. Por terem-na adquirido, por terem dissecado a história da Comuna de Paris e da sua própria tentativa de 1905, os estratagemas da revolução Soviética de 1917 pouparam aos soldados, aos camponeses e aos operários russos a atrocidade da derrota e do terror branco.

Quando as organizações qualificadas do proletariado internacional passaram em melancolia revista os acontecimentos e os preparativos do Outubro espanhol assinalarão, sem dúvida, a ausência, do lado dos operários revolucionários, das massas decididas dos camponeses, de soldados e de oprimidos coloniais; buscarão a quem cabe a responsabilidade deste fatal desdém, em face do trabalho anti-militarista.

Limitemo-nos a acentuar que apesar desta lacuna o inimigo burguês não pode já, sem perigo, utilizar as suas próprias armas.

Interprete do estado de espírito das suas tropas, o tenente-coronel Lopes Bravo que comandava o batalhão de África declarou aos seus amigos: «Já mais os meus homens dispararão sobre os seus irmãos». O comandante foi pouco depois destituído.

É altamente significativo este outro ponto: a revolta do regimento de Getona, a manifestação dos aviadores de Lido e a sublevação dos marinheiros de Santander.

Nas Astúrias um soldado foi morto por um oficial por ter dito: «Não posso matar estes homens».

Para defrontar estas dificuldades e para vencer os amotinados, o Govern-

no vin-se obrigado a recorrer às tropas de África 4 Legião estrangeira «térreo» similares (a bat d'Al) africanos marroquinos, composto exclusivamente de indígenas.

Eis aqui um exemplo da tarefa que os jesuitas fascistas podem contar à Legião.

A 10 de Novembro um reporter burguês correspondente da «Voz de Guipúzcoa», escreveu: Testemunhei de crueldades espanholas cometidas pela legião e pelas tropas marroquitas havia reunido documentos. Dois de entre eles eram terríveis. Eram uma ordem secreta, obrigando os oficiais a fuzilar em acto todo o que fosse encontrado com armas; 2) uma fotografia de um soldado marroquino que levava na cintura duas cabeças recentemente cortadas.

O tenente russo branco Ivanof teve conhecimento que o reporter estava de posse destes documentos. Averiguou o seu paradeiro e deteve-o.

Luiz Sirval, no momento de ser preso conseguiu fazer chegar a Ortega e Gasset o seguinte bilhete: «Prisioneiro em Oviedo. Rogo-lhe interceda junto Ochoa. Sirval».

Este bilhete chegou ao seu destino e imediatamente Ortega telefonou a Ochoa. Era tarde. No dia seguinte, 27, o oficial russo branco da legião estrangeira penetrou na cela e assassinou o reporter para apossar-se dos documentos e suprimir a testemunha.

(Do folheto:

* O choque entre duas Espanhas...

• Defesa-Editions • Paris

Avante na organização d

contra o Fascismo, contra a Fome e pela a

Um ano depois da "grande vitória" do "Estado Novo,"

Há cerca de um ano, a ditadura anunciou em tom de gala, que havia derrotado, para sempre, o Partido Comunista e a luta de classes. Qual é a situação, nos combates de 1935?

O comunismo, o adversário principal da ditadura!

O 18 de Janeiro e todos os movimentos revolucionários e anti-fascistas que se lhe seguiram demonstraram que a luta de classes é indomável, apesar da vaga terrorista desencadeada pelo "Estado Novo" contra ela. A luta heroica do proletariado, na medida em que se conduz nas vias da frente única e de acção de classe contra classes despois os camponeses pobres e os efectivos radicalizados da pequena burguesia e da intelectualidade e arrastando, atrás de si, ao combate insurreccional victorioso contra a politica de fome e de opressão do fascismo.

Quando os Salazares clamam: o comunismo é o único perigo! — isto quer dizer que não só a ditadura, mas os politicos da burguesia, em geral, já difficilmente podem opôr um dique à vaga revolucionaria de massas que toma corpo no país e que põe em brecha o sistema capitalista.

A falência da ideia do fascismo totalitário!

As proclamações demagógicas salazaristas, de "nova era de progresso, de felicidade e de resurgimento português", alcançada por meio da colaboração de classes, não conseguiram promover a consolidação do fascismo totalitário. Os Sindicatos Nacionais e as Casas do Povo, nem dum modo muito passageiro conseguiram ganhar as massas para a ditadura. A A. E. V. não chegou a ascender às condições de milícia fascista, de estado mossulimico, capaz de fazer de irrmigênea da Policia de Informacões na repressão da luta de classes do proletariado. A cruzada do "Secretariado de Propaganda Nacional", de provocação à União Soviética, revigorou, contra a própria vontade dos fascistas, o odio das massas à ditadura e acrecentou-lhes a simpatia pela Patria do Proletariado e dos Camponeses livres. As proclamações magestáticas de Portugal que se prestigia ante os olhos do estrangeiro não representam senão uma politica salazarista de alta comedia destinada a desviar as atenções do estrangeiro e das próprias massas do campo nacional, da bancarrota já aberta pelo "Estado Novo", em relação à solução da crise e da fome que revolvem as entranhas do país. Para assegurar a sua grande victoria nas eleições para a Assembleia Nacional, o Governo de cretous assembléias de voto que lhe fabricassem 80 a 90% dos sufrágios de todo o electorado.

As forças revolucionarias consolidam-se, apesar do terror fascista!

O Partido Comunista, vanguarda duma classe invencível — a classe proletaria — encontra-se hoje, imensamente mais ligado à sua classe. Onde o proletariado e os camponeses soffrem as agruras da crise, da exploração capitalista e da opressão fascista, o nosso Partido encontra-se a seu lado, ensinando-lhes o meio de organização da resistencia e tomando a cubera da luta. As massas das cidades e dos campos, até nas suas lutas espontâneas, seguem, cada vez mais, as palavras de ordem e métodos de luta do nosso Partido. A repressão sangüinária do comunismo pelo vertiginoso fascista só veio revelar as grandes massas exploradas que elas já vão dispondo dum Partido que se retempera do heroísmo, inteiramente votado à causa da libertação

da classe operaria, dos camponeses e dos oprimidos pelo regime fascista.

O movimento sindical revolucionario renova-se dum modo impetuoso e muito mais enquadrado nas vias da I.S.V. O Socorro Vermelho revigora a sua função de socorro às vítimas do fascismo. A Frente anti-fascista encontra novas condições para se transformar em frente da luta victoriosa de massas contra o fascismo e a guerra. A imprensa ilegal revolucionaria marcha victoriosamente à conquista da legalidade na luta revolucionaria contra o capitalismo opressor.

Aos maus dias vão seguir-se piores dias!

Situação da classe operaria

Os primeiros contratos colectivos, ou vão ser firmados sobre a base do salário-hora de 1375 (chapeleiros), ou já foram firmados a base da redução de 75% da taxa de abono de 5 hor. s. extra-ordinárias (conserveiros). A nova lei do horário de trabalho retira o direito à jornada de 8 horas a novos milhares de trabalhadores, e torna-lhes obrigatório o trabalho extraordinário, deslizado em 50% da sua remuneração. A redução dos salários e o trabalho das mulheres e dos jovens, realizado nas condições duma perfeita escravatura, formam a politica central dos capitalistas e dos empresários que o Estado da Ditadura protege e encoraja. O desemprego agrava-se com novos desempregados em massa. Aos trabalhadores agricolas não é reconhecido um limi e legal de jornada de trabalho, nem lhes é prestado o minimo socorro e desimpêço. O Sub-Secretario das Corporações ficou em 6300 e 7300 o salário nos trabalhos publicos e nas estradas e proclamou o patronato: "Se quereis obter melhores normas de produção, associat-vos em gremios!"

O Fascismo nos campos Camponeses produtores de trigo!

Os fascistas em urd e com-vos, durante vários anos, com os gritos: — Ião para a boca! Pão para a boca!

Vós entregasteis-vos mais entranhadamente à cultura do trigo, nudiados pelos gritos da ditadura. Duran e esses anos vós vistes que só a grande lavoura é que conseguiu lucrar com a demagogia da ditadura. Vós, pelo contrario, continuastes sendo as ma ores victimas, entregues, compleam-nos, a grande moagem ambarcadura e nos especuladores do campo, os usurários e o crédito hipotecário.

Agora o Ministro do "Estado Novo", passara a clamar que é preciso que a lavoura produza melhor e mais barato, e que as terras menos apropriadas à cultura do trigo devem entregar-se a outros destinos.

Que representa esta nova politica agraria do "Estado Novo"? Representa que o governo encoraja, novamente, os grandes lavradores a alargarem a cultura do trigo, por meio do maior emprego da maquinaria e dos adubos quimicos e da maior exploração dos trabalhadores agricolas ao mesmo tempo que nua parte das vossas terras se proibe a cultura do trigo e se recuão dos picões o trigo, em projecto, vai cado arvo, no futuro que se abre numa impossibilidade muito maior, de resistir à concorrência da propriedade latifundiária.

Para conseguir a vossa ruina completa, o Governo reorganiza a Federação Nacional dos produtores de Trigo. A Federação dos Produtores de Trigo foi declarada pelo fascismo uma instituição de interesse publico. A mesmo tempo, é estabelecido que só os maiores produtores de trigo podem constituir o Conselho Geral da Federação. Só este conselho é que pode negociar o crédito para as culturas do trigo podendo, melhor e mais, como base de garantia desse crédito, a vossa própria produção, que se

encontra nos celeiros municipais. No fim, o Conselho Geral da Federação dispõe duma percentagem de alforria para distribuir o crédito, como entendido, pela camarilha dos grandes lavradores.

Camponeses vinhateiros!

Na região do Centro e Sul de Portugal, vós tendes-vos levantado em massa, contra a Federação vinícola lusitana. Em alguns pontos, vós tendes gritado: Abaixo a Federação! Viva a Ditadura!

Isto demonstra que vos ainda marcamos, em parte, sob o império da influencia politica dos grandes vinícolas.

A Federação, e uma obra levada aos campos pela ditadura, para agravar muito mais a miséria dos vossos lares pobres e já arruinados.

O Partido Comunista afirmou-vos que, depois de 22 de Outubro, o Governo da ditadura passou inteiramente para as mãos dos grandes ricos da industria, do capital e da agricultura.

A ditadura, com efeito, acabou de dar-vos uma resposta fascista aos vossos protestos contra a Federação.

O vinho dos produtores directos vai ser pura e simplesmente arreado do mercado. As novas plantações vitícolas vão ser arrancadas e são proibidas novas enxeritas. O Governo declara que é obrigatório a contribuição do imposto de 15 18%, para a Federação. E, por fim, a ditadura, que vos disse que tornaria sagrado o vosso labor da terra, vêm agora declarar-vos que todo a produção que excede o consumo representa um valor irrealizavel, que é como quem diz não tem valor!!!

Camponeses pobres e médios, em geral!

As novas medidas agrarias da ditadura agravam as condições da vossa vida e não constituem senão um ponto de partida para o estabelecimento duma offensiva geral nos campos, que tem por fim reduzir-vos à miséria mais crueante, em beneficio exclusivo dos grandes lavradores.

Quebrai as ilusões em toda a politica de organização agraria da ditadura!

Nem o fascismo, nem as velhas formas da democracia podem dar-vos uma saída à crise e à miséria! O remédio não está nas federações fascistas, nem em qualquer reorganização da produção dos produtores do trigo, dos gremios, das Adegas Regionais e da Federação dos vinícolas do Centro e Sul de Portugal.

O remédio está na luta aberta e nra as federações contra a ditadura, na vossa aliança de combate com o proletariado, e na luta pela libertação do Governo Operário e Camponês.

As lous do fascismo e dos grandes lavradores, vós deveis opôr as vossas reclamações independentes:

Liberdade de venda dos produtos da lavoura pobre! Crédito generalizado e barato para a media e pequena lavoura! Socorro financeiro do Estado aos camponeses pobres e médios nos maus anos agricolas! Supressão de todos os impostos de trabalho e sobre a terra e de todos os impostos e contribuições para as Federações fascistas! Jornada de 8 horas e socorro de desemprego, pago pelo Estado e pelos grandes lavradores, para os trabalhadores agricolas! Protecção à mulher e às jovens trabalhadoras da agricultura!

Associat-vos a semear de sã de Fevereiro! — Março, de luta contra a guerra, contra o fascismo e pelas vossas reivindicações concretas.

O Estado Novo é a guerra!

Explorados e oprimidos! Intelectuais e anti-fascistas!

O Governo do Salazar anunciou que vai prosseguir na execução do programa militar e promover o rearmamento do exercito. Ultimamente, o arado publico tem sido brindado com uma copiosa literatura militar, e mais de 100

"Eu assumo a responsabilidade de tudo o que fiz em nome do Governo Operário e Camponês"

Declara Rakosi, ex-comissário do povo na República Soviética Húngara de 1919, durante o julgamento, começado o mês passado, em Budapeste.

Em 1926, Rakosi foi condenado, pela sua actividade comunista, a 8 anos e meio de prisão, que acabou por cumprir. Então, o governo húngaro não considerava conveniente julgar Rakosi pelos seus «crimes» praticados em 1919. Passados 15 anos ressurci a aquele processo, pelo qual pede a pena de morte para o nosso camarada.

Este processo prende a atenção de todo o mundo. Ele não é mais do que a vingança do fascismo contra a classe inteiramente dedicada à defesa dos interesses da classe operária.

Juristas eminentes de vários países declaram que, segundo os princípios do direito internacional, o acto dum governo reconhecido de facto não podem ser despoçados, retroactivamente, da sua legalidade por um governo sucessor.

Por falta de espaço não podemos inserir os debates do processo, mas daremos um resumo para elucidar o proletariado português deste famoso julgamento.

Rakosi é acusado, principalmente, de: alta traição, rebelião vinte e sete assassinatos, incitamento à morte e de ser assassinos e fabricação de acusações falsas.

A acusação fundase em: se o facto dele ter tomado parte nas sessões do Conselho dos Comissários do Povo, nas que se tomaram disposições que conduziram aos «crimes» apontados.

Rakosi começa por declarar que não se reconhece culpado. As várias perguntas do juiz respondem: foi o resultado da Rússia em 1918, tendo aderido ao Partido Comunista e que se dedicou à organização e propaganda. Não tomou parte na luta pela fábrica de armas; nem nas reuniões operárias de Salótarán. Foi preso com mil 60 comunistas, acusados de alta traição jornal «Nepesé» em que foram mortos vários operários. Isto não passava de uma provocação, como a de Bia-Torbay, pretextada para desencadear uma repressão contra o movimento comunista.

Sobre a repressão da greve ferroviária diz que ela teria tido parte do poder operário. No momento em que se lutava com as armas em mão, contra o imperialismo tcheco, o cond. Stephan Betlen, organizou a greve dos empregados ferroviários do Sul. Este era, o seu patriotismo!

Depois declarou que nenhuma violência foi necessária para conquistar o poder:

«A força do movimento operário era irresistível, os soldados estavam conosco».

A pergunta: «Porque tinhaes necessidade de declarar o estado de guerra», responde:

Nos subimeos, por toda a experiência histórica, que a burguesia não aceita voluntariamente que se lhe arranque o poder. Os movimentos contra-revolucionários que rejeitaram depois, confirmaram, na Hungria também, esta verdade histórica. Por outro lado, a burguesia tem apelado, em épocas críticas, à arma do estado de guerra.

A primeira medida do governo, Szeged foi a proclamação da lei marcial.

A respeito das atrocidades cometidas pelo poder operário, dizem ser p. opados, pelo mundo, os mais fantásticos rumores. Assim, enquanto se afirmava que tinham visto 300 cadáveres no Instituto anatómico, o professor Nemeth diz que nesse Instituto só há luz para 35 cadáveres.

Quanto aos objectivos da guerra vermelha declara que era a conquista aos tchecos e aos romenos dos territórios húngaros ocupados. Se não o conseguiram, isso se deve à decomposição do exército, provocada pelos oficiais contra-revolucionários.

No número seguinte continuaremos dando notícia das outras sessões, nomeadamente, da que trata da emissão dos 3.500 milhões de córgas.

Politica Internacional

O facto culminante da politica internacional, no mês de janeiro, foi o plebiscito do Sarre, que se realizou sob a ameaça das baionetas da S.D.N., p. o servi, o das violências hitlerianas.

Além do limitado terror espalhado pelos nazis, vários factores contribuíram para o resultado favorável à Alemanha, destacando-se os seguintes: O proletariado do Sarre estava farto de suportar a fúria exploratória dos capitalistas franceses e esse estado de espirito predispondo para deixar iludir pelas promessas hitlerianas dum «relatório de situação» desde que o Sarre voltasse a integrar-se na Alemanha.

A barba da Alemanha criou uma rede de espionagem e de intimidação de todos os elementos anti-fascistas e a polícia não só não procurou impedir mas favorceu a acção dos S.A., que se dedicam ao trabalho de se vestirem a paisa. Os padres católicos, sob as ordens dos bispos e Treves e de Colónia, fizeram uma intensa propaganda pela união à Alemanha, mas o facto que mais influíu e determinou as propensões à vitória de Hitler foi o acordo relativo ao carvão e outras quiloas materiais estabelecido, entre o plebiscito, entre os magnates franceses e alemães. Essa transacção demonstrou à população do Sarre que a volta à Alemanha era decidida entre os governos francês e alemão e que, por consequência, toda a resistência não oferecia nenhuma perspectiva de vitória. Poderia afirmar-se que só o P.C. se conservou firme na oposição ao nazismo? Os 50 mil votos contra Hitler representam apenas 5 mil a mais do que os que o P.C. do Sarre teve nas últimas eleições.

O que é indispensável que o proletariado compreenda, para estar vigilante, é que a votação do Sarre marcou o início dum novo reagrupamento das forças burguesas anti-soviéticas. As intrigas internacionais tomaram desde então uma rara envergadura. A Inglaterra pelo «Times», propôs logo a legalização do rearmamento da Alemanha e a sua readmissão imediata na S.D.N. sob a base do reconhecimento da igualdade de direitos. O plano

Os "centros", ilegais de zinoviev levam ao assassinato do camarada KIROF

As «Izvestias» relatam-nos como foi enorme a indignação de todos os trabalhadores da União Soviética ao lerem a acta de acusação contra a organização contra-revolucionária de Zinoviev. Instigadores de assassínios, Zinoviev, Kamenef e companhia não hesitaram em nomear meio para fazer fracassar a obra grandiosa da edificação socialista. Só arrastaram a sua máscara de hipocrisia quando desmascarados pelos seus cúmplices de todos os crimes praticados contra o partido, a classe operária, o socialismo e o movimento proletário internacional. No último Congresso do Partido, apelaram para a sua generosidade, entoaram hinos às suas vitórias e foram rejeitados. Acabam de cometer outra traição. Ao mesmo tempo que juravam fidelidade, glorificavam os êxitos do Partido e adulavam os chefes, organizavam centros ilegais, alegavam-se com as dificuldades, esperavam o «descala-

bro» e atigavam o odio contra os chefes do Partido.

«Pronunciando palavras revolucionárias, agrupavam os seus quadros contra a revolução. Convidavam a construção socialista e ao mesmo organizavam as suas forças para a aliscar». Elevando até as nuvens a linha geral do partido, proferiam sempre: «Estes crimes acabaram na traição à pátria socialista, recorrendo a um conselheiro estrangeiro, e na violência sangrenta: o assassinato de Kirof».

Concentrar toda a podridão contra-revolucionária, nos seus quadros, e a linha exaltada contra o partido em nada se distinguia dos socialistas. As esperanças de intervenção estrangeira põem em evidência o sentido político da lesa de «Clemente» quando o inimigo está a porta, provoca a situação e muda o governo, após nada, há anos, pela oposição Trotski-Zinoviev.

Tendências anti-soviéticas desta oposição foram postas a nu pelo partido quando ela correu ao «traição» legal. Hoje, estes «trabalhos» desenvolvem-se e produzem também círculos terroristas. «Tal é a lógica da luta contra o partido, uma lógica que transforma os parte-parte da luta em elementos degenerados e verdadeiramente fascistas. O processo demonstrou que o «Centro de Trotski», os partidários de Zinoviev, não lutou directamente a acção em planos terroristas.

Assim, dois círculos proletários, que se chocam no «Centro de Moscova», produzem os tendentes terroristas. O odio contra a direcção do partido, e criavam nos seus círculos fechados uma atmosfera tal que o tiro de pistola devia ser o resultado fatal desta atmosfera. Eis a razão porque o tribunal proletário condenou esta gente».

O tribunal mostrou aos generosos e deu-nos com vida, apesar do castigo implacável exigido pelos trabalhadores. Estão a ferros para proteger o país dos sovietes contra estes inimigos perigosos.

«Nunca a esse de Lenine — toda a oposição que continua a sua luta conduz inevitavelmente ao campo da contra-revolução e torna-se o ponto de agregação de todas as forças contra-revolucionárias» — foi tão brilhantemente comprovada. Por isso existem muitos defensores desta oposição no campo capitalista, e também se procurou apresentá-la como uma conspiração grandiosa, que levaria a grandes lutas de rua.

«O Partido e a classe operária reorganizaram a sua vigilância e o reconhecimento, com um potente agrupamento das suas forças em torno da sua direcção, em torno de Stalin, cujo nome é o símbolo das grandes e gloriosas vitórias do socialismo».

Operários portugueses dos E. U. A.

Os operários da Colónia Portuguesa dos Estados Unidos da América têm levantado protestos contra a repressão fascista em Portugal. Têm endereçado telegramas a Salazar e Carnação protestando contra a forma barbara como os antifascistas portugueses são tratados nas prisões e solidarizam-se com as campanhas do S.V.A. a favor das vítimas do fascismo.

Felicitamo-nos por ver que a diplomacia soviética, graças à força que lhe confere o apoio das grandes massas trabalhadoras, consegue impor a sua implacável linha em favor da paz a um país como a França. Mas as declarações não bastam. É preciso acabar de vez com o jogo subtil que consiste em prodigalizar declarações de amor à URSS e a Livorecer, por actos, as intrigas de Hitler e Deterding.

Por uma melhor organização e difusão de "AVANTE!"

"Avante!" penetra cada vez mais nas massas trabalhadoras do país. Prova isto, o facto da tremenda diminuição de número para número, de cerca de 10%. Contudo, o progresso da massa, o leito, se tivermos em atenção o seu leito que cresce e não o P. Rido, facilmente este é explicado por outros factores. A organização da distribuição de "Avante!" e da recolha do produto da sua venda é ainda deficiente:

a) A circulação de distribuição em todo o país, ainda não foi conseguida e isto tem prejudicado bastante a importância da sua boa difusão.

b) Os responsáveis pela venda do jornal, salvo raras excepções, não fazem uma requisição prévia do número de exemplares que precisam.

c) Para alguns pontos, o jornal chega atrasado alguns dias e, a fim de pronto, porque os responsáveis não aparecem no dia e a hora marcados. Graças ao Partido, como a organização que há de o reger de das mãos deste género.

d) O produto da venda do jornal, em dada forma muito irregular, chamamos a atenção dos Comités do Partido para esse assunto. São os informados, por vários com e das que, dum modo geral, o dinheiro é recolhido, com uma perda que mal chega 10%. Pois não nos chega mais do que 60%. Onde fica a diferença?

Entre as organizações mais relacionadas com o C.R. do Bairro, o que não pagou nenhum exemplar dos nºs 4 e 5.

Entre as camaradas e organizações modelo:

O Camarada R, que pagou os 180 ex., que vende, dá 7 a 10 dias depois de lhe serem entregues.

A Organização Revolucionária da

Armada, que paga a 100% antes da saída do número seguinte.

Vem a propósito dizer que, as camaradas marinheiro, conseguem recolher 80% da venda do "Marinheiro Vermelho", den da Armada.

e) Outro ponto para o qual chamamos a atenção de todos os camaradas é o seguinte:

Muitos camaradas pagam, do seu bolso, alguns exemplares: distribuem-nos grátis, metem-nos nas caixas de correio ou deixam-nos em diversos locais para serem lidos por quem, por lá, os apanha. Esta mesma atitude, se a adoptar com os amigos ou folhos voluntários, podem não fazer nada, talada em relação aos jornais.

Os jornais, nomeadamente o "Avante!", são elemento que nos permitem estabelecer contacto com os seus partidos. Por tanto deverão ser entregues a nós, a cada um dos camaradas a quem se destinam, os quais devem pagar, porque assim demonstram a vontade em lerem e a importância que lhes merecem os membros do Partido, quando entregam.

Deste modo a circulação do jornal servirá de índice, para medir a capacidade do Partido, para mobilizar as massas, o que não sucede quando abandonamos os jornais, com a esperança que se leiam.

Cada um dos exemplares do "Avante!", deve ser pago e o produto entregue ao Comité Central!

O exemplo das camaradas que, apitamos, prova que é possível melhorarmos a organização da venda do jornal, ajudando sem a qual ele não pode viver.

Lutemos por um jornal de massas!

Todos os membros do Partido são obrigados a pagar a sua quota!

Muitos eimar das, membros do Partido, tem descurado o pagamento da sua quota, deixando-as muitas semanas que o não fazem.

A Comissão embra a todos os camaradas o e tabelado pelo Partido e pelos estatutos da Internacional Comunista a este respeito: "Só os membros do Partido os camunidos que trabalham numa das suas organizações e pagam regularmente as suas quotas".

Todos os camaradas, com excepção, mesmo desempregados, são obrigados a pagarem as suas quotas.

Um comunista, desempregado, que não consegue que os simpatizantes, que a sua volta gravitam, paguem a sua quota, demonstra não estar ligado às massas.

A quota, mínima, de 250 por semana, exequindo os soldados, que pagam 10, dada a sua situação especial.

Todas as organizações (celulas, Comités de Zona, Locais, Regionais, Central, Frações, etc.) devem fazer, em cada mês, um levantamento de quotas; as organizações superi-

Os Comités de Zona e Locais tem com 25% do total recebido; os Regionais com 25%; as Frações centrais não recebem percentagem; o restante é entregue à Comissão. As organizações militares tem com o total das cotizações. A partir de Março, o selo de cotização que o tem sido adoptado com a sobretaxa: "1935".

RECENSAMENTO DE FILIADOS

A necessidade dum cadastro de filiados é evidente. Por ele podemos avaliar os efectivos exactos do Partido, a sua composição, quais os pontos de maior concentração do Partido, ou se somos mais fracos e avaliar as causas da flutuação nas nossas fileiras. Uma vez de posse desses elementos a Comissão Central de Organização pode auxiliar dum modo muito mais eficaz as diversas organizações do Partido, no seu trabalho.

Por isso resolveu a Comissão Central fazer um novo recenseamento. Todos os camaradas, membros do Partido, deverão preencher um impresso, que lhe foi distribuído, e cujo modelo apresentamos mais abaixo. Os que os não receberam, por qualquer razão, deverão reordenar este, preenchê-lo e fazê-lo seguir para a Comissão Central.

Não pode haver relutância de parte de nenhum camarada em o preencher dando que em nada o pode comprometer.

Chamamos a atenção dos camaradas sobre esta resolução que deve ser rigorosamente cumprida. Den a partir da data da publicação desta resolução, serão considerados como excluídos do Partido todos os camaradas que não tiverem preenchido o impresso seguinte:

Regional de
Local ou Zona
Célula nº
Número
Profissão
Data de filiação
Situado ou não
Filiado no S. V. I. ou não
Cargo, desempenhado
Ano a que pertenceste no Exército

NOVOS METODOS de Agitação

O **Esfóforo** — Misturando 27 gr. de massa fosforica e 21 g. de óleo de canela, aquecendo, lentamente, a mistura, obtém-se uma combinação com seguinte propriedade: utilizável por nós.

Com o líquido resultante, pode escrever-se sobre uma superfície branca, sem que seja possível ver a sua, mas brilhando intensamente, de noite. Palavras de ordem e cartazes, ao aplicar, mantêm-se visíveis durante algumas horas.

O **Sulfato de cobre** — O sulfato de cobre que quasi todos conhecem azul. Se o aquecer, perde a água que contém e fica branco. Se o dissolver em qualquer líquido que não contenha zinco como a gasolina ou o álcool, obteremos um líquido sem cor, como a água. Podemos escrever com este líquido, no papel ou nas paredes brancas, sem que se possa ler o que se escreveu. Mas, passando pouco tempo, com a humidade da atmosfera, ou lançando-lhe em cima um pouco de água, aparece-nos tudo azul.

O **Nitrato de Prata** — Dissolve-se o nitrato de prata em água na proporção de 1 parte de nitrato e 5 de água, obtém-se um líquido com o qual podemos escrever, se for possível ler as escritas. Pela acção da luz o que se escreveu aparece. Se escrevermos a noite, em uma superfície branca, os raios da luz, tudo quanto tivermos escrito.

Os Soldados Manifestam-se!

TAVIRA — O mal estar, que do há muito se manifesta entre os operários e os camponeses da região, vai tomando, cada vez mais fortemente, os soldados.

Uma consciência nítida de classes se vai formando entre os trabalhadores e afastando-os de domínio das classes possuidoras.

A mentos de Janeiro, um grupo de soldados percorreram as ruas da cidade, manifestando-se contra a ditadura e o seu regime de fome e de miséria.

Ouviram-se gritos de: "Viva a liberdade! Abaixo a Ditadura!"

Como eles fazem historia...

Dum pasquim datilografado, intitulado «O Jovem Anarquista», extratmos esta passagem:

«No livro do comunista John Reed — Os Dez dias que abalarão o mundo — transcrevem-se documentos que mostram a ignorância de Lenin perante o desenrolar dos acontecimentos, no meio dos quais andava «as aranhas».

«Leiste nos dez dias que abalarão o mundo, leitor?»

Tiradas das conclusões a que chegaram os autores do pasquim acima mencionado?

Não achas que já é preciso ter-se perdido completamente a cabeça para ariscar semelhante baboseira?

Está bate o record do anarco-politronismo.
Adiante.

Um levantamento de camponeses

ODELEITE (Alg rve) — Desde o retorno de D. José que, por ordem real, os vizinhos da freguesia de Odeite, concelho de Castro Marim, vinham usufruindo a posse duma propriedade, com cerca de 4000 hectares. As terras da Ordem, por direito, são propriedade do povo da freguesia, havendo muitas vezes e fazendas que vem passando de pais para filhos desde os mais antigos tempos.

Desde o 25 de Maio que um grande livrador, Jacinto Celorino Palma, tem tentado, por várias vezes, apropriar-se das terras da Ordem, agora, favorecido por Salazar, apossar-se delas e não se contentar com «manteiga».

O povo, indignado, invade a propriedade, que lhe pertence, e destrói o edifício em construção. Ele requisita a tropa e sob a vigilância da força armada, concluiu o edifício.

O povo não desiste dos seus direitos. Surgem conflitos; há camponeses presos e deportados; há causas judiciais, sempre favoráveis aos camponeses, mas eles de facto não conseguem explorar as terras que lhes pertencem.

Ultimamente, o Palma comete um acto, tão bárbaro e selvagem, que irrita até os da sua própria classe. Ordenou aos seus lacaios a destruição total do trabalho dos pobres camponeses. Com arados, devarou por completo as sementeiras desses trabalhadores, deixando os na mais completa miséria.

Bomms, mulheres e crianças dirigiram-se, em bloco, ao monte, man-

daram sair toda a gente e destroem no completamente.

Há um celeiro repleto de trigo, mas fechado. A chave está na posse do Palma, ausente. E a única casa que fica de pé a multidão de esfomeados não destrói o trigo nem o celeiro, para que o trigo se não danifique. Começam as represões e as violências. Vêm 3 e 4 de guardas de polícia, com metralhadoras.

Há prisões e emigrações. Apesar de tudo a imprensa burguesa cala-se! É necessário destruir todas as notícias das manifestações de massas, para que cada trabalhador se julgue isolado. É uma das táticas da luta do fascismo. (Do nosso correspondente)

N.R. — Não devemos deixar sem uma nota a que leia.

O movimento espontâneo que nos reatam, prova que a influência do Partido e dos seus métodos de luta vai penetrando nas massas. Mas, justamente por não serem dirigidos directamente pelo Partido, observam-se fraquezas. No caso da não destruição do celeiro vê-se que a massa se afasta dos métodos anarquistas, aconselhados pela F.A.I., na Andaluzia em especial. Eles dizem que se deve destruir. Os camponeses não destruíram. Mas, não deviam ficar apenas no não destruir.

A massa deve apoderar-se do trigo que o produto do seu trabalho e levá-lo para suas casas.

Camponeses de todo o país, segui o exemplo dos nossos camaradas de Odeite!

a luta contra a Guerra, amnistia para os anti-fascistas encarcerados!

dos diplomas apresentados pelo Governo à «Assembleia Nacional» prendem-se directa ou indirectamente com a questão da guerra.

Os grandes «exercícios navais» e do campo vão começar dentro em pouco e as colónias recebem novos governos e militares e novas brigadas de infantaria. Os grandes magnatas da indústria e do comércio enriquecem os meios de guerra, o aperfeiçoamento técnico e o progresso que trará à indústria o rearmamento do exército.

«O problema militar, e o problema mais importante de maior interesse no campo da política superior! Todas as energias da vida social deverão ser envolvidas no mecanismo que há de destruir e a partir de uma luta de vida ou de morte! Então, se necessário, provém o ressurgimento do nosso espírito nacional, fundado no culto da tradição da História e no sentimento de um fio de todos os portugueses! To todos os Ministérios da Defesa Nacional, em face do que hoje se apresenta a execução duma guerra! É preciso preparar toda a mocidade portuguesa no critério do verdadeiro nacionalismo, base de toda a defesa nacional! Os exércitos deverão continuar a combater a expressão do rendimento máximo do recrutamento nacional, englobando toda a gente válida da Nação! Exige-se, duma forma absoluta, a cooperação de todos os ramos da actividade nacional, na conjugação de todos os esforços e na união de todos os recursos! É preciso incutir na população civil a noção dos encargos que terá de assumir e dos sacrifícios, a que terá de submeter-se!»

Esta febre delirante militarista e praguiera dos fascistas, dos magnatas e dos generais veio revelar, brutalmente, o verdadeiro significado demagógico do «Portugal Maior» e do «ressurgimento português», do mesmo modo que fez a claro que o «Estado Novo» abreia o país de uma hecatombe que, num despenha infernal de instrumental, de cultura, microbianas e de gases de inundação, poder corrosivo e asfixiante, se propõe aniquilar todo o sinal de vida, de progresso e de cultura, sobre a terra.

A preparação do ambientado ideológico, político e económico, propiciando a inclusão de Portugal na nova guerra, segue ligada a campanha de armamentos navais e ao rearmamento do exército de terra e do ar. A fascistização dos sindicatos proletários e a ilegalização, implacável, do Partido Comunista, a posse da mocidade e o intervencionismo do Estado sobre todas as formas de manifestações do pensamento e da cultura, as prisões em massa e os assassinatos, a redução sucessiva do nível de vida das massas pobres e o agravamento inaudito da exploração das grandes massas, a teoria do equilíbrio financeiro e o intervencionismo do Estado sobre a actividade económica, industrial e agrícola do país — tudo esta política fascista, posta em prática através do último ano, não tem sido senão uma política dirigida exclusivamente ao sentido de «criar no país uma economia de guerra» e de preparar a rectificação fascista, do «Estado da população portuguesa à carnicina» e a peralta que amadurece velozmente nos quadros do velho mundo.

«O problema militar é o problema mais importante e de maior interesse no campo da política superior! É preciso incutir na população civil a noção dos encargos que terá de assumir e dos sacrifícios a que terá de submeter-se! Isto significa que nos tempos que se abrem toda a vida económica, social, cultural e artística do país vai ser uma vida inteiramente subordinada aos problemas da guerra. Isto quer dizer que novos e mais pesados contribuições e impostos vão surgir; novos atentados contra o nível de vida do proletariado e dos camponeses vão ter lugar; novas e maiores proporções vão ser dadas ao regime de trabalhos forçados e de participação do fundo do desemprego para financiamento dos trabalhos de natureza estratégica e das empresas capitalistas.

O inferno da guerra que se aproxima é o prelúdio d'um inferno muito maior, a vida social que se segue a a eclosão das hostilidades.

A guerra que o «Estado Novo» prepara e, em

primeiro lugar a guerra de enquadramento na cruzada imperialista do invasão da Rússia Soviética. A guerra dos imperialistas contra a URSS, e uma guerra contra-revolucionária que põe de frente a questão da desfecho em massa da própria base do exército atacante das metrópoles capitalistas. Por isso toda a preparação salazarista da guerra segue ligada à militarização das populações do domínio ultramarino dos capitulistas portugueses. É em segundo lugar a colocação do país em pé de guerra para a intervenção imediata contra a revolução espanhola — e, portanto, por isso os fascistas proclamam que a revolução operária e camponesa espanhola acenará a ambos os anexionistas.

É em terceiro lugar, a guerra civil contra-revolucionária dos capitalistas, dos grandes lavradores e dos generais reaccionistas contra o proletariado e os camponeses pobres, e a preparação do ambiente fascista, para serem classificados atos de alta traição, as mínimas acções de massas, dirigidas contra a crise e contra a exploração e opressão capitalista.

O sistema capitalista de exploração e opressão proletária e camponesa, já não pode manter-se, sem levar a escuridão popular e a degradação da cultura muito além de todos os limites humanamente suportáveis. Os novos atentados, em projecto, dos grandes ricos contra os pobres, chocam-se com a indignação revolucionária crescente das massas, contra a ditadura e contra a corlida fascista à nova guerra; e põem de frente a questão de novos e maiores levantamentos revolucionários. Os soldados e os marinheiros, da Metrópole, filhos do povo, contagiados pela influência da rebelião popular contra a fome, não servem os capitalistas para fazerem de terceiro mundo, na insurreição assim, mas que se aproxima. Por isso a pandeja do «Estado Novo» e dos generais reaccionistas, proclama já a necessidade de instalar, na Metrópole, algumas unidades indígenas, africanas!

O revirralho é a condução das massas à guerra, debaixo da demagogia da "democracia", e da "liberdade",!

A demagogia do «revirralho» que há de vir a propaganda anarquista e agora contra a ditadura, vem a que vier! — são as vanguardas preparadoras da submissão completa do proletariado e dos camponeses ao fascismo e à guerra que os capitalistas preparam loucamente. A corrente Ribeiro de Carvalho-Rolão Preto, responde aos interesses dos generais do exército que declaram que, no presente, ao problema da preparação da guerra deve submeter-se toda a actividade política, económica, social e cultural do país e que, em tais condições, o Estado Maior do Exército e que deve comandar todas as formas de manifestação desta vida.

Tal é o ao que se reduz a demagogia de «Salvação do prestígio do exército» e do Estado Nacional Sindicalista!

Entre o salazarismo e a corrente dos Ribeiro Rolão assiste-se, apenas, a uma corrida de velocidade debaixo da qual, cada uma das partes procura ser tomada como a melhor realizadora dos meios e da ideologia de preparação do ambiente geral de armar das massas à nova guerra.

A erença em que a guerra ainda será o melhor meio de conseguir-se a derrota do capitalismo e o triunfo da Revolução — é o resultado da propaganda contra-revolucionária dos fascistas e dos próprios chefes do «revirralho».

Se a guerra não estalou já, é porque os capitalistas observam que as grandes massas ainda não aceitaram a ideia de que a guerra é a melhor saída. Daí, aquela erença trabalha em benefício do próprio capitalismo, fustor da guerra, e desarma a luta das massas contra ela. Porque a erença de que «a guerra é a melhor saída», junta-se o estado de guerra de declaração da lei marcial, contra todas as tentativas de luta contra o chauvinismo guerreiro.

O que é preciso é organizar a luta contra a guerra e desde já! Amanhã será demasiado tarde! É preciso lutar contra a guerra até a última hora que preceda a eclosão das hostilidades! A luta corajosa das massas contra a guerra é a melhor garantia — a única garantia! — do impedimento da guerra contra-revolucionária e imperialista e a garantia da transformação da guerra em guerra civil, pela revolução emancipadora das massas pobres e oprimidas do país.

Sem conseguir uma sujeição completa das massas à ideia da nova guerra é impossível sair a guerra!

Estas declarações dos fascistas e dos generais reaccionistas do exército, provam suficientemente que as massas exploradas têm forças bastantes para impedir a nova carnificina dos capitalistas.

É preciso incutir em toda a população do país a noção dos encargos que terá de suportar o dos sacrifícios a que terá de submeter-se!

É isto, trabalhadores e anti-fascistas, o que vos proclamam os fascistas, ao rabo de cinco anos de promessas duma nova era de ressurgimento português.

Tantos sacrifícios para quê? Para cavardes a vossa própria tumba?

Tudo isto representa que mais um ano de dominação capitalista custará mil vezes mais encargos e sacrifícios a toda a população produtora do país, do que a revolução proletária e camponesa vitoriosas!

Só há uma saída: — a luta revolucionária das massas contra o capitalismo, pela instauração do Governo Operário e Camponês!

Por uma semana de agitação e de luta!

O Partido Comunista Português, chamamos, explorados e oprimidos pelo «Estado Novo» a uma semana de manifestações e de acções contra o fascismo e contra a crise, pela elevação do nível de vida das massas pobres, pela amnistia e contra a guerra.

Enviaremos milhares de protestos individuais e colectivos ao Governo e à «Assembleia Nacional» contra os orçamentos militares, contra os novos decretos sobre a guerra e pela amnistia para todos os presos políticos e sociais!

Enviaremos protestos à Embaixada Japonesa, contra as provocações do Japão à Rússia Soviética!

Pela elevação dos salários da classe operária e por uma larga redução das contribuições e dos impostos dos camponeses e dos pequenos comerciantes e industriais!

Pela liberdade de reunião, de imprensa e de greve!

Contra o desfofo na indústria de conservas e por um socorro de 50000 semanais a todos os trabalhadores em desemprego forçado!

Abaixo o trabalho forçado das estradas!

Contratos colectivos de trabalho, mas decididos pelas Assembleias livres dos trabalhadores!

Protecção social à mulher e aos jovens trabalhadores!

Por um largo auxílio aos presos anti-fascistas! Pela amnistia para Thaelmann!

Solidariedade às vítimas da revolução espanhola!

Por uma larga campanha de inscrições nas paredes das ruas, dos campos e das fabricas de disticos: contra o fascismo, pela amnistia e contra a guerra! Pão e trabalho! etc.

O que quer dizer a campanha de inverno

A semana de 25 de Fevereiro a 2 de Março deve tomar-se como ponto de partida para uma campanha sistemática de luta pela frente única anti-fascista, pela unidade de acção do movimento sindical, pelo reforço dos Sindicatos independentes e do Socorro Vermelho Internacional e pela criação, nas fabricas e nos campos, nos transportes e comunicações, nos bairros e nas escolas, nos casernas e navios de guerra, de

(Continua na 6ª página)

A Caminho do Rompimento da legalidade fascista!

(Continuação da 2ª página)

Em Alentejo, durante vários dias, no campo da margem alta das chaminés das fábricas da vila. Em determinado dia, quando os operários se deslocavam para o trabalho, as ruas estavam completamente enjauladas de folhas e manifestos do Partido e da C.I. Sindical. Durante umas duas horas a luz eléctrica foi interrompida. Foram promovidos alguns combates.

No Alentejo alguns levantamentos de trabalhadores rurais tiveram lugar. Noutras localidades do Sul promoviam-se várias manifestações.

Em Alameda foi feita uma boa agitação. Um garoto percorreu as ruas apregoando o «Avante!» do Partido Comunista.

A semana de 25/2 Fevereiro/Março patenteou o estado do nosso trabalho no próprio seio das forças militares. Na Fragata D. Fernando, o convez apareceu, uma manhã, cheio de folhas do Partido Comunista e da Organização Revolucionária da Armada. O mesmo quase sucedeu na Sagres, e em todos os barcos de maior valor militar, foi grande a nossa afiliação e a agitação intensa. No infantile D. Henrique, flutuou uma bandeira vermelha. Do Alentejo foi lançada ao Tejo uma jangada que levava inscritas as palavras de ordem: Viva o Partido Comunista! Viva a Organização Revolucionária da Armada!

Com idênticas palavras de ordem foram lançadas ao Tejo, de quase todos os navios de guerra, cânticos que desfilaram ao sabor da corrente.

Na maioria dos quartéis de Lisboa fez-se sentir a nossa agitação.

A semana de 25/2 Fevereiro/Março apresentou-se-nos como uma primeira resposta das massas ao fascismo, à preparação de guerra, ao terrorismo salazarista e à luta pan-americana.

Essa semana demonstrou que para manter-se o fascismo, a ária dos Antónios Ferros (Salazar, Salazar, Salazar...) e a falsificação eleitoral, são fórmulas demasiado ilhupitonas.

A semana de 25-2 Fevereiro/Março apresentou uma salutar correção à declaração «Salazarista» que quis fazer crer que nos representamos uma rã lesta e que o «Estado Novo» se apoia na profundas massas do povo.

Perto de S. Pedro d. Alcântara, uma patrulha da G.N.R. surpreendeu um piquete de camaradas do Partido, que afixavam disticos nas paredes, deu-lhes a correr em perseguição delles, aos gritos de «agarrate que são ladrões!». Os nossos camaradas deitaram-se a correr, arrastando, pelo contrário, «Não são ladrões!» «São Comunistas!» «Viva o Partido Comunista!» «Imediatamente o povo transeunte posse a cobrir os furtivos, impedindo a sua queda nas mãos dos soldados da G.N.R.

Quando Avaró Duque Fonseca, surpreendido por uma brigada de E. scribas da Polícia de Informaçães procurou furtar-se ás suas garras, estes gravavam, agarrando que o ladrão do automóvel.

Isto tudo demonstra bem quanto a ditadura já se tornou um regime ilegal ante os próprios olhos do povo e quanto o povo já considera como é repulente, asqueroso e odi-

ento o papel da P. de Informaçães. Da simples e pectat vi, as massas já passaram a contrarrevolução com os comunistas. Agora estão imdirecendo as premissas da luta comum entre os comunistas e as massas pelo derrubamento do fascismo.

A rui decidirá em breve ao que já se está recusando a capacidade de ofensiva da pandilha fascista contra o Part do Comunista e contra o movimento revolucionário.

As proclamações de «espantificação do «Estado Novo» já não colhem.

Ante a elevação do revolucionarismo das massas, todas as promessas míficas do salazarismo foram metidas ao ridiculo.

O salazarismo que entrou em banca rita, em face da crise económica, proclama, agora, que a carestia da vida é o produto de factores externos, indomáveis...

As massas, pelo contrário, sabem muito bem que a carestia da vida e a queda do valor do escudo é o resultado da inaudita exploração capitalista da massa, da política de guerra e dos gastos com o policia-

As massas e o Partido Comunista sabem bem como é possível reduzir o custo da vida e tornar a vida confortável para o pobres. A revolução proletária e camponesa resolverá esse problema fundamental, por meio da expropriação dos grandes ricos e da entrega do poder proletário e camponês ás profundas massas do país.

A semana d. 25/2 Fevereiro/Março foi assinalada por uma larga percentagem de espontaneidade da parte do proletariado e dos explorados. No próprio caminho da luta pela realização dessa semana, tiveram lugar fortes levantamentos de camponeses, na região vinhateira do Centro e Sul (Cartaxo, Alenquer, etc.) e 196 jornalistas reclamaram a cessação imediata da censura à imprensa.

Tudo isto demonstra que o «Estado Novo» já foi sacudido, nos seus fundamentos, que as massas rompem a legalidade instaurada no país pelo fascismo, que a política de preparação de guerra sofre um rude golpe, e que a perspectiva aberta o país é a da marcha para a revolução que derrube o poder dos Salazaristas.

O Governo Operário e Camponês sona com resposta breve dos pobres á exploração e opressão dos grandes ricos.

As massas trabalhadoras saíram grandemente encorajadas da semana de 25/2 Fevereiro/Março e estão decididas imensamente mais do que nunca a aluvio de decretos salazaristas e de discursos na Assembleia Nacional.

Nós os comunistas temos um país inteiro a ganhar.

Refacemos todas as nossas fraquezas e toda a nossa timidez e todas as nossas vacilações.

As massas! As massas! Ainda as massas!

Consistamos, já, os comités de luta preparadores do 1º de Maio!

Utemos por uma larga paralisação e pela conquista da rua e das fábricas.

O 1º de Maio deste ano deve patentear não só que as massas quebrem a sua própria liberdade, mais que as massas são bastante fortes para conquista-la.

DECLARAÇÃO

Até a nós chegam rumores da circulação de boatos e ditos, a propósito de dissensões profundas que ter-se-iam manifestado, nos últimos tempos, entre dois membros responsáveis do Secretariado do Partido Comunista. Estes rumores revelam-nos, mais, que, em alguns pontos acentuados, se o aventa-se, até, a ideia de que uma cisão partidária encontrar-se-ia em perspectiva.

Estes boatos e ditos, cujos fundamentos de origem teriam tomado a sua expressão nas discussões abertas nos órgãos centrais dirigentes do Partido, a respeito da linha, tática e labor prático comunista, correspondentes ás condições actuais da luta de classes no país, tendem a tomar proporções de acção com fins desagregadores, pelo menos inconsciente, e a servir de veículo ao fogo de barragem da provocação fascista e contra-revolucionária sobre os nossos quadros (se é que, em certos casos, não age já como reflexo desse fogo de barragem, conduzindo em vistas da debilitação da actividade do Partido).

Ante este estado de coisas, nós, justamente as pessoas vizias, declaramos pública e prentoriamente:

1º. Que todos e quaisquer boatos e ditos, a propósito de dissensões nos quadros dirigentes do Partido Comunista, carecem de fundamento;

2º. Que consideramos toda e qualquer trabalho fraccionário ou a existência de grupos no seio do Partido, como uma tática que não tem em vista senão ceder ao inimigo;

3º. Que exortamos toda a base partidária, as massas que gravitam na órbita da influencia comunista e todos os trabalhadores e elementos honestos, a tomarem como agentes declarados ou nescios da renegação fascista, todos aqueles que se entregam ao cultivo do boato e do dito sobre as pseudo-divisões nos quadros dirigentes do P.C.P.;

4º. Que como dirigentes responsáveis centrais do Partido Comunista, são um triplice objectivo no animo: a revolução proletária e camponesa, a mais estrita fidelidade marxista-leninista-staliniana à I.C. e a luta incessante pelo reforço da unidade do Partido.

Janeiro de 1935

a a) Albino
Kaul

Luta contra a guerra e o fascismo!

(Continuação da 5ª. página)

Comités de Luta contra o fascismo e contra a guerra! Juventude trabalhadora e estudantil! Mulheres do povo, em geral!

Associações de luta do Partido Comunista pelo d.rrubamento da ditadura, pela paz, pelo pão e pela liberdade, que é a única grande causa que pode preencher o nosso desejo de nos entregardes a uma causa grande!

**VIVA A UNIÃO SOVIÉTICA!
VIVA A INTERNACIONAL COMUNISTA!
VIVAM AS JUVENTUDES COMUNISTAS!
VIVA O PARTIDO COMUNISTA!**

Fevereiro de 1935

(Apelo do Partido Comunista Português-S.P.I.C.)

Internacionalismo proletário

A CRSS é realidade mais demonstrativa da força que encerra o internacionalismo proletário.

A insurreição asturiana calou fundo entre o proletariado de todos os países. Mas os trabalhadores russos sabem pesar, como nenhuns outros, quanto vale uma insurreição proletária.

As notícias sobre as batalhas épicas das Astúrias eram esperadas com anseio pelo proletariado soviético.

Logo que foi conhecida a notícia do esmagamento dessa insurreição o proletariado russo correu veloz a auxiliar as vítimas da revolução espanhola.

A primeira quete aborta nas fábricas da URSS rendeu 3.000.000 fr. francos. Esta quantia foi enviada na íntegra a essas vítimas.

Isto é a demonstração mais clara do que o internacionalismo significa para os comunistas não é uma palavra vã.

A venda livre do pão

No dia 1 de Janeiro de 1935 começaram em todos os centros urbanos da URSS a vender livre o pão. Centenas de telegramas enviados de todos os cantos d. União, anunciaram que a venda do pão se efectua normalmente. Foram aborts 19.300 novas padeiras e a produção de pão aumentou de 11.91 toneladas por dia. A população acolheu esta medida com satisfação.

O novo Soviete de Moscovo

O Soviete de Moscovo, após das recentes eleições, reuniu-se pela primeira vez no dia 3 de Janeiro. O Soviete conta 2.066 deputados, operários e empregados, soldados e oficiais do Exército Vermelho, engenheiros, abios, escritores e artistas, domésticas e artífices. Entre os deputados contam-se 571 mulheres, 221 representantes da juventude contando entre 18 a 25 anos; 1.341 deputados novos são operários e 459 empregados. 1.004 são membros do Partido Comunista e 163 das Juventudes Comunistas. O Soviete de Moscovo conta, enfim, entre os seus deputados 85 cidadãos estrangeiros, operários, engenheiros, etc., que trabalham em Moscovo.

Entre os deputados do novo Soviete contam-se: J. Staline, os membros do Comité Central do Partido Comunista e os membros e o Governo da URSS; o presidente da Academia das Ciências da URSS, o professor Karpiński; os abios Volguine, Gulkine, Krgijanyovskí, Kistakovskí, da Academia das Ciências; numerosos professores dos institutos científicos e das escolas superiores do Moscovo, entre os quais Otto Schmidt, chefe da expedição Tsheljuskin, os escriptores Maxim Gorki, Doman, Biedny, Fedor Gladkov, Mariette Chapiuin, Mallekinev, os artistas dramáticos, Katenalov e Lzhimilov-Lundskov; todos os aviadores-heróis da URSS.

A estes 2.066 deputados do Soviete de Moscovo e aos deputados dos Sovietes de «Raio», cujo número se eleva a cerca de 6.500 é preciso juntar ainda cerca de 2.000 esecionários, representantes de empresas e de instituições, que estão á disposição do Soviete e lhe prestam o seu concurso,